

Resenha de Escritos ficcionais: Escorpião e Félix e Oulanem, de Karl Marx

Carlos Eduardo Ornelas **Berriel**

Professor da Universidade de Campinas.

berriel@iel.unicamp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1814-7516>

Recebido em: 27/11/2018

Aceito para publicação em: 29/11/2018

Resumo

Resenha do livro MARX, Karl. *Escritos ficcionais: Escorpião e Félix e Oulanem*. Tradução Claudio Cardinali, Flavio Aguiar e Tercio Redondo. São Paulo: Boitempo, 2018.

Palavras-chave: Resenha. Escritos ficcionais. Marx

Abstract

Book Review by MARX, Karl. *Escritos ficcionais: Escorpião e Félix e Oulanem*. Tradução Claudio Cardinali, Flavio Aguiar e Tercio Redondo. São Paulo: Boitempo, 2018.

Keywords: *Review. Fictional writings. Marx*

É preciso levar a sério a filha de Marx, Eleanor, quando disse que seu pai “era o mais alegre e divertido de todos os homens”. Em outubro de 1837, com apenas dezenove anos, o jovem Karl compôs uma peça de teatro e um breve romance satírico, inacabados, nos quais ridiculariza e condena as convenções burguesas, o moralismo filisteu, a aristocracia e o pedantismo intelectual. São textos redescobertos em 1929, escritos por um Karl antes do Marx que conhecemos – composições raramente publicadas e que não despertaram grande interesse entre os marxistas, talvez mais identificados com o realismo socialista. Bem, eram apenas poucas páginas, uma brincadeira literária dedicada ao sexagésimo aniversário de seu pai, e nem o próprio autor lhes atribuía grande relevância. Entretanto, certamente é significativo que o grande filósofo tenha iniciado a sua vasta obra dessa forma, tão diversa do caminho que afinal trilhou.

Naquele ano, por indicação médica – pois adoecera por excesso de trabalho –, Marx deixou Berlim e estabeleceu-se, para repousar, em Stralow, uma vila de pescadores. Mas, em vez do descanso, optou por trabalhar intensamente. Entre seus principais interesses estavam a literatura e o teatro, e ele projetava até mesmo criar uma revista de crítica literária. Nessa ocasião, aprofundou-se nos estudos da filosofia, lendo “do princípio ao fim Hegel e a maior parte de seus discípulos”. Afastava-se definitivamente do romantismo e das filosofias kantiana e fichtiana. Foi nesse momento que escreveu as duas operetas – *Escorpião e Felix e Oulanem*.

Essas pequenas obras remetem à atmosfera cultural da Alemanha no período posterior ao Congresso de Viena, com a rejeição romântica do classicismo e a grande difusão da obra de Laurence Sterne, principalmente do seu *Tristram Shandy*. Esse romance, publicado entre 1759 e 1767, cobre de ridículo os estereótipos literários então dominantes, impondo um processo narrativo desconcertante, que o jovem Marx absorve em sua essência, com espírito irônico e antiacadêmico, numa demolição goliardesca do sentimentalismo burguês. Pois é dessa fonte literária, além de pitadas de E. T. A. Hoffmann, que o jovem Karl bebe em seu romance *Escorpião e Félix*, virando de ponta cabeça a trama, dando solavancos entre um episódio e outro, impondo e abandonando personagens a esmo e dissolvendo os lugares comuns narrativos, num divertido desprezo pela lisura formal do romance clássico.

Já o poeta romântico alemão preferido de Marx, Heinrich Heine, admirava em Sterne “um humorismo absoluto, no qual se fundem o sublime e o ridículo”. O ridículo, justamente, parecia adequado para a representação da vida burguesa. O procedimento literário da paródia, centrado na digressão, rebaixa as expectativas mediante um começo

que não existe, por uma conclusão mais adiante que não acontece, com solavancos e lacunas que desorientam o leitor. Esse procedimento seduziu Marx – a narrativa divagante, o enredo fragmentado, os atalhos de pensamento que se transformam em estilo. Por esse mesmo motivo, *Escorpião e Félix* teve uma existência editorial muito discreta – discretíssima, aliás.

Para nós é quase impossível, hoje, identificar todas as referências satíricas ali contidas, pois são expressões do desaparecido ambiente político-cultural alemão da primeira metade do século XIX. É um texto de ironia cortante contra os segmentos políticos da Berlim da vida universitária de Marx, com corrosiva paródia dos intelectuais pedantes e dos vazios acadêmicos eruditos. Satiriza os pernósticos docentes da escola histórica de Direito, dissolve os cacoetes românticos, localiza enfim – o que mais importa – os seus futuros adversários. Esse Karl ainda não é o Marx que conhecemos melhor, mas são claros os indícios do futuro filósofo materialista que despontam, principalmente quando os personagens acusam sentimentos que o autor atribui a distúrbios corpóreos – logo, materiais e físicos – em viva irrisão do que a literatura da época descrevia como sintomas espirituais.

Já *Oulanem* é um drama fantástico em versos, um suspense gótico igualmente incompleto. *Oulanem* é o anagrama da forma hebraica do nome Emanuel, nome bíblico de Cristo que significa Deus-conosco. Mas, nesse poema-tragédia, ambientado numa aldeia na Itália, nenhum deus está conosco e, conforme os versos de Mefistófeles no *Fausto*: “Tudo aquilo que existe merece ser destruído”. O jovem filósofo estava sob a influência dominante de Goethe e, sob essa luz, delineava sua visão da história e sua ideia de que o mundo precisava ser completamente revolucionado.

Karl ainda não era o Marx que escreveu que “a abolição da religião, como ilusória felicidade do homem, é um pressuposto da sua felicidade real”. Ainda não era, mas logo seria.

Referência

MARX, Karl. *Escritos ficcionais: Escorpião e Félix e Oulanem*. Tradução Claudio Cardinali, Flavio Aguiar e Tercio Redondo. São Paulo: Boitempo, 2018.